

A Condição Nômade de Quixote e Quaderna: Os Pontos de Intersecção entre Cervantes e Suassuna

Prof^a. Dr^a. Maria de Lourdes Patrini¹ (UFRN)
Doutorando Peterson Martins² (UFRN)

Resumo:

Cervantes quando idealizou D. Quixote estava envolvido com o seu tempo e sua história (VIEIRA, 1998), contudo percebe-se, em sua obra, a fragmentação da idéia de nação; e da mesma forma Ariano Suassuna ressignifica os aspectos históricos que tanto lhe envolveram como o do seu narrador Quaderna no Romance d' A Pedra do Reino. Considerando a relação entre Quixote e Quaderna, vê-se que ambos saem em uma demanda aventurosa buscando um graal simbólico. Para isso, adotam uma postura nômade (MAFFESOLI, 2001), na forma de uma pulsão tanto física quanto imaginativa, reinventando os espaços e o tempo interno de cada enredo; além dos próprios gêneros literários (os livros de cavalarias e o Romance) que lhe servem de suporte. Assim, este trabalho analisará as características em comum entre a obra-prima de Cervantes e a de Suassuna a partir da categoria do nomadismo proposta, principalmente, por Maffesoli (2001).

Palavras-chave: elementos quixotescos, nomadismo, Ariano Suassuna, Miguel de Cervantes

Introdução

Neste trabalho, organizamos a nossa análise através de dois núcleos principais de análise. No primeiro iremos buscar a correlação de um dos mais famosos livros de cavalarias, **A Demanda do Santo Graal**, com os romances de Cervantes e Suassuna (**O Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha** e o **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do vai-e-volta**). Nessa perspectiva, iremos procurar perceber os pontos de intersecção, isto é o ponto em que se tocam as linhas narrativas de ambos os romances, que, em nosso caso resolvemos adotar essa terminologia para ressaltar a importância da categoria “aventura” tão comum nas narrativas cavaleirescas, como também, nos romances citados.

Percebendo essa categoria da **aventura** como um construtor não só de identidade individual, mas coletiva em um contexto de nação, passaremos para o segundo segmento (ou núcleo) em que trataremos sobre as relações do **nomadismo** proposto por Maffesoli (2001) e a presença desse elemento; que, embora seja tecido com algumas nuances em cada um dos romances apresenta um propósito comum: a reconstrução do real e de si mesmo. Assim, Maffesoli aponta que essa pulsão nômade está inerente a todo ser humano, como também traduz uma das características das obras des-sacralizadoras.

¹ Maria de Lourdes Patrini, Profa. Dra.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
e-mail: mariapatrini@hotmail.com / mlpatrini@ufrnet.br

² Peterson Martins, doutorando
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
e-mail: peterson.martins@gmail.com

1 Entre os romances e os livros de cavalaria à procura do Graal Simbólico de Cervantes e Suassuna

Sabe-se que tanto Miguel de Cervantes quanto Ariano Suassuna ao comporem suas obras-primas tomaram como referência inicial os livros de cavalaria³; e dentre eles **A Demanda do Santo Graal**. Essa é considerada a mais representativa do **Ciclo Arturiano** (ou matéria da Bretanha); sendo também a mais divulgada e reproduzida por autores ibéricos (COUTO & PEREIRA, 2004, p.127) e por outros autores da Europa; tal como apontam as inúmeras traduções, cópias, remodelações, popularizações de nomes das narrativas e entrelaçamentos intertextuais que se materializaram. Como alguns exemplos temos na península ibérica, entre os séculos XIII e XIV, o cancionero galego-português; a **Crônica Geral de Espanha** e os **Livros de Linhagens** (COUTO & PEREIRA, 2004, p.127).

Todavia, o que fez com que essas narrativas do ciclo arturiano tivessem tanto sucesso e perdurassem até os dias de hoje? Segundo Roger Sherman Loomis (COUTO & PEREIRA, 2004, p.116), o segredo dessas narrativas está em duas essências principais: a **novidade** e a **inconsistência**.

No aspecto da “novidade” as novelas de cavalaria trouxeram os elementos românticos e sobrenaturais; na medida em que introduziram, na prosa, o **amor cortês** (típico das cantigas de amor do Trovadorismo) em que os cavaleiros eram retratados como galanteadores e sedutores; combinado com a idealização da figura deles erigida pela Igreja Católica como os valentes zeladores da fé cristã; além dos elementos mágicos e de poder inerentes ao contexto lendário da cultura celta e cristã, tal como apontam os encantamentos e ritos de Merlim e da Morgana e do tema central do Santo Graal, símbolo místico-cristão que designa a taça que Cristo utilizou na última ceia e que também foi usada para recolher uma parte de seu sangue vertido na cruz – é considerado um instrumento que seria capaz de conferir ao seu possuidor o poder de alimentar (dom de vida); como também o da iluminação (dons espirituais) e o de tornar-se invencível (CHEVALIER, 2007, p.476).

E na “inconstância” essa característica se reflete no conflito existente entre as várias versões da **Demanda**; além da falta de uma fixidez e equilíbrio entre as partes da narrativa e sobre a própria ação das personagens vivendo o conflito entre os valores carnavais e espirituais.

Da mesma forma percebemos essas características da **Demanda do Santo Graal** presentes tanto na obra de Cervantes quanto na de Suassuna.

Na obra de Cervantes, **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha**, é o exemplo mais marcante das inovações lançadas no romance no período do séc.XVII. Sendo uma narrativa que rompe com os padrões e projeta a Espanha no cenário da criação romanesca; nela percebemos também o reflexo daquela aparente **instabilidade** apontada nos livros de cavalaria; pois tal como observa Vieira (1998, p.77), no **Dom Quixote** agem, simultaneamente, duas forças contrárias em sua narrativa: a **multiplicidade** e a **unidade**. Essa prática que, aparentemente, poderia ter provocado uma instabilidade narrativa, ocasiona-lhe o contrário, enriqueceu-a na medida em que no entrecortar do enredo principal sobre as andanças de Dom Quixote e Sancho, a presença de vários outros personagens em diversos espaços e situações conferem-na uma perspectiva híbrida, pois ocorre um deslocamento “muitas vezes do universo paródico da cavalaria para o mundo pastoril, picaresco ou mesmo para as novelas mouriscas, sentimentais e cortesãs” (VIEIRA, 1998, p.77). Suas inovações foram tantas para a época que ainda hoje é considerado como um anti-romance (CARNEIRO, 2006, p.19-20); sendo denominado de **romance picaresco** por tecer uma crítica a sociedade e dos costumes da época através de um herói pícaro, Alonso Quijano, um fidalgo falido

³ Adotamos este termo para designar as narrativas heróicas e aventureiras de cavaleiros medievais, pois, de acordo com EISENBERG & PINA (2008), o único termo correto e utilizado em toda Espanha é *libros de caballerías*. Desta forma resolvemos adotá-lo para evitar a confusão terminológica sobre o gênero literário que envolve o termo.

que após ter gasto o que sobrou de sua fortuna comprando **livros de cavalaria**, enlouquece lendo-as e sai “sem rumo” acompanhado de seu escudeiro Sancho Pança. Em sua demanda Alonso (agora denominado **D.Quixote**) sai em busca de aventuras que o torne famoso e merecedor do amor de sua *Dulcineia del Toboso*; contudo o Graal de Quixote consistirá no próprio exercício da busca da plenitude espiritual que se dará ao longo de sua “errância” enfrentando, ficticiamente, vários cavaleiros e empreitando peripécias atrapalhadas, que culminará com o desafio proposto pelo cavaleiro *de la Blanca Luna*. Depois desse embate e da desilusão amorosa sofrida, D.Quixote cai enfermo; e em seu processo de convalescença recobra-se de quem é. Como nesse momento, ele (Alonso) rejeita o seu processo imaginativo (figurado em Quixote); é também nesse período que virá a falecer; embora o narrador vaticine a importância futura de D.Quixote:

Só para mim nasceu D. Quixote, e eu para ele: ele soube atuar e eu escrever, só nós dois sós somos um para o outro, a despeito e pesar do escritor fingido e tordelhesco, que se atreveu, ou se atreverá a escrever com pena de avestruz grosseira e mal delineada as façanhas do meu valoroso cavaleiro, porque não é carga para seus ombros nem assunto para o seu frio engenho; a quem advertirás (...) jaz deitado de longo a longo, impossibilitado de fazer terceira jornada e saída nova, pois para fazer burla de tantas quantas fizeram tantos andantes cavaleiros, bastam as duas que ele fez, tão a gosto e beneplácito das gentes a cuja notícia chegaram, assim nestes como nos estrangeiros reinos.(CERVANTES SAAVEDRA, 2007, p.847-848)

Também no romance de Ariano Suassuna publicado em 1971, o **Romance d'A Pedra do Reino** temos uma presença dessa aparente instabilidade, através de vários núcleos narrativos que vão surgindo a partir da memória de Quaderna ao longo do depoimento deste ao Juiz Corregedor. E como aponta a Profa. Idelette Muzart Fonseca dos Santos em dois artigos publicados em 1982 no suplemento literário **Correio das Artes** no Jornal **União** do Estado da Paraíba, neste romance de Suassuna existe uma forte correlação com a **Demanda** dos Livros de Cavalaria.

Nessa primorosa análise a autora estruturou seu estudo em três eixos temáticos (Demanda; O Castelo do Reino; Da Demanda ao Romance). Na **Demanda** a autora irá revelar a construção do encantamento envolvendo pessoas e objetos mágicos da **Demanda do Santo Graal** correlacionando com o Sebastianismo presente na **Pedra do Reino** e no encantamento envolvendo as pedras de São José de Belmonte (PE) inseridas por Ariano Suassuna em seu romance; assim como a **aventura** como um rito iniciático importante para a quebra do encantamento. No **Castelo do Reino** é desenvolvida toda a estrutura de construção literária do **castelo** perpetrado por Quaderna desde a própria simbologia dele adquirida no sertão até a idéia do **castelo poético** elaborada a partir de três concepções (o castelo do herói; o castelo do amor; o castelo literário). E no item denominado **Da Demanda ao Romance** tem-se uma análise que parte dos planos sob os quais foram estruturados a obra (o plano real; o plano cavaleiresco; e o plano romanesco). Além disso, nessa parte são estabelecidas categorias de análise através do significado oculto do **riso** e do **sonho** presente tanto nas novelas picarescas e cavaleirescas quanto no romance de Suassuna. Por fim, a autora termina sua análise fazendo uma distinção entre Quaderna e Dom Quixote (SANTOS, 1982b, p.9).

Em nosso trabalho, para efeito dos objetivos aqui propostos nos centraremos apenas no aspecto da **Demanda** que compreende o **graal** como **tema de uma procura, uma prova, uma conquista espiritual, uma aventura cavaleiresca** (SANTOS, 1982a, p.8) sabendo que também existe uma correlação desse elemento simbólico tanto a **um centro misterioso, castelo ou país** como ao **tema de uma sucessão ou restauração real, que toma às vezes uma aparência de uma ação curadora ou vingativa**. Nessa temática do **graal como uma procura**, temos um dos significados atribuídos por Chevalier (2007, p.476-477) que considera o processo de sua busca uma **aventura espiritual individual** que exige a interioridade e a pureza de propósitos daquele que parte

em sua demanda para que possa **abrir a porta da Jerusalém celeste**. Assim, no sentido de podermos visualizar melhor o conceito de **nomadismo** que será tratada no tópico a seguir, determos-nos na categoria da **aventura iniciática** (SANTOS, 1982a, p.9) que seria a prova (ou série de provas) que o cavaleiro precisa passar para que seja merecedor da passagem de uma posição menor para uma superior. Segundo a mesma autora, a aventura **não significa somente luta e combate, designa também um sortilégio para vencer**; daí que, de um modo geral, as aventuras cavaleirescas apresentam dois níveis ou graus de intensidade: a confirmação da qualidade guerreira do predestinado; a verificação da presença de uma vocação misteriosa relacionada a uma sabedoria, força e coragem sobrenatural. Por isso que Kohler (1974 apud SANTOS, 1982a, p.9) irá afirmar que, dentro do contexto das narrativas cavaleirescas, **a aventura é uma busca da identidade**.

N’**A Pedra do Reino**, haverá **uma demanda dentro de outra demanda**, tal como observa Santos (ibidem). Sendo o livro estruturado em uma demanda principal conforme aponta o Livro V (última parte em que é dividido o romance de Suassuna) denominado de **A Demanda do Sangral** (contração de Santo Graal ou Gral) tem como objetivo à restauração do Reino; já na outra mais interna que configura um ciclo completo de aventuras terá como objetivo a sagração de Quaderna e a afirmação do Quinto Império. Essa demanda mais interna inicia-se no Livro I, situado do Folheto (ou capítulo) 15 ao 22, nessa Demanda de Quaderna, existe uma divisão em três etapas: a viagem; as aventuras; e a revelação.

Na **viagem**, Pedro Dinis Ferreira-Quaderna (poeta, humorista, memorialista e bibliotecário da Vila de Taperoá) decide viajar de Taperoá até as pedras que na crença popular são as torres do castelo encantado de Dom Sebastião. Para isso, assim como na **Demanda do Santo Graal** e em **Dom Quixote** esse projeto não é realizado solitariamente, Quaderna se faz acompanhar por Malaquias (seu irmão reconhecido por sua coragem e destreza) e Euclides Villar (fotógrafo que será a testemunha dos feitos realizados). É interessante notarmos aqui um ponto de distinção entre a Demanda do Santo Graal e os romances, pois enquanto que na primeira não existe uma referência espacial exata, nesses as referências são tão precisas que podemos analisar os romances dentro de uma perspectiva histórica, tal como: as referências da **Mancha** e **Toboso** da Península Ibérica do séc. XVII (em **D.Quixote**); e a do Nordeste brasileiro do séc. XIX e das primeiras décadas do séc.XX (**A Pedra do Reino**).

Nas **aventuras** temos o relato da caçada empreitada pelos Quadernas em competição com os Pereiras. Nela Quaderna leva melhor em suas três caças “milagrosas” apesar de suas atrapalhadas e covardia, pois tencionando atirar em um pequeno preá atinge uma onça. Com isso, tem-se a confirmação da providência divina de que ele é mesmo o escolhido para a conquista do graal simbólico (a restauração do reino).

E na **revelação**, temos o momento em que o narrador-protagonista se depara com as pedras. Passada uma certa decepção com a impressão obtida frente à realidade – ele busca o sonho através de uma “iniciação suprema, secreta e perigosa”. Todavia, para uma revelação total ele deverá se despojar do “homem antigo”; da mesma forma que os cavaleiros da Távola Redonda fizeram depois da visão do Graal (antes e durante o processo da **Demanda**). Para Quaderna, essa revelação total dar-se-á quando se despojar do ser calcado no real e buscar o sonho através da arte literária para que consiga desencantar o “reino” escondido sob aquelas pedras e o solo árido do sertão; daí o sentido da criação de seu **estilo régio**.

Das análises realizadas quisemos mostrar como tanto os livros de cavalarias quanto os romances (e mais especificamente os que estão sendo objeto de estudo) baseados na idéia da aventura iniciática do Graal têm uma relação da formação identitária não só das personagens, mas sobretudo das origens dos estados-nacionais (sugeridas pelos livros de cavalarias) e da constituição dos países através de seus conflitos (os romances de Cervantes e de Suassuna) e da revelação e combate às mazelas nacionais. Contudo, o princípio gerador das demandas que se encontra, em nossa opinião, no **nomadismo** será melhor explicado no próximo tópico.

2 O “nomadismo” na (des)construção identitária dentro da obra literária

Para início de conversa, essa busca do elemento genuinamente cultural de uma região passa pelo conceito de **caráter nacional**, e quem inicia essa reflexão é o teólogo alemão Johann Gottfried von Herder (1744–1803). De acordo com Baldo (2006, p.1), o estudioso alemão defendia a idéia de que cada nação tinha sua particularidade cultural condicionada por cada época, por isso os valores de cada país deveriam ser julgados particularmente e não em uma compreensão homogênea simplista. Contudo, o entendimento da obra literária como uma produção artística sujeita a esse elemento histórico-cultural foi iniciada na Alemanha, através do movimento *Sturm und Drang*, por volta de 1770, que, inspirada nas idéias do Herder, começaram a desenvolver uma crítica e história literária que procurava ressaltar as particularidades regionais, nacionais e individuais.

Assim, para percebermos mais claramente como a literatura faz parte desta formação identitária, temos em Ricoeur (1985, p.432 apud Bernd, 2003, p.17) a compreensão de que a identidade se define através da narrativa, isto é, tanto uma coletividade quanto um indivíduo seriam definidos através das histórias que narra de si mesmo e sobre si mesmo. Por isso, já que a narrativa ajuda a definir a identidade, consequentemente a literatura possuirá uma grande importância nesse processo.

Todavia, não devemos perder a noção de que não podemos falar de identidade sem a **alteridade**, pois sem a visão do outro e dele sobre nós mesmos temos apenas uma visão especular redutora; e dessa forma será impossível tecer relações interativas dentro de uma construção identitária. Por isso através dessa visão complementar do **outro**, a identidade coletiva apresenta um conceito plural que perpassa as conceituações estanques de **caráter nacional** e **identidade autêntica** e desenvolve a **noção pluridimensional na qual as identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos de sua história se justapõem para constituir um mosaico** (BERND, 2003, p.17).

Nessa busca ou construção identitária, de acordo com Bernd (2003, p.17) pode ocorrer, basicamente, de duas formas: como **um sistema de vasos estanques** com discursos cristalizados ou como um **processo** contínuo e dinâmico de construção e desconstrução que faz surgir espaços dialógicos e interativos. Esses tipos de busca identitária irão gerar, na compreensão do poeta e crítico antilhano – Edouard Glissant (1981, p.189-201 apud BERND, 2003, p.19), duas funções nos processos de formação das literaturas nacionais: a função de **sacralização** (a união da comunidade em torno de seus mitos, de suas crenças, de seus heróis, de seu imaginário ou de sua ideologia); e da função de **dessacralização** que está correlacionada com a desmontagem das engrenagens de um sistema dado, revelando todos os mecanismos ocultos. Assim na formação literária brasileira iremos encontrar ao longo de sua história uma alternância de forças sacralizantes e de forças dessacralizantes. Por isso, nas obras, que são constituídas por uma força dessacralizante, tendem a possuir uma construção identitária concebida sem a exclusão do **outro**. E nas obras em análise, percebemos que tanto **O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha** quanto no **Romance d’A Pedra do Reino** possuem um predomínio de forças dessacralizantes.

Na primeira obra, o narrador que acompanha as aventuras de D. Quixote termina revelando o que está oculto dentro de cada instituição social, através do conselho que seu pai havia dado para como deveria enriquecer-se:

Há um ditado na nossa Espanha, a meu parecer muito verdadeiro, como todos o são, por serem sentenças breves tiradas de longa e discreta experiência, e esse que eu digo diz: ‘Igreja, ou mar, ou casa real’, como se mais claramente dissesse: ‘Quem quiser valer e ser rico, que siga a Igreja, ou navegue, exercitando a arte do mercadejo, ou entre a servir os reis nas suas casas’; pois dizem: ‘Mais vale migalha de rei que mercê de senhor’. (CERVANTES SAAVEDRA, 2002, p.548)

De outra maneira encontramos em **A Pedra do Reino** no diálogo entre Arésio e Adalberto Coura, o descortinar de toda uma estrutura político-social injusta.

Olhe, Adalberto, não nego que tenha simpatia por você!', disse Arésio, pesando bem suas palavras, como se temesse mentir involuntariamente. 'Acontece, porém, que, como eu disse, para mim, tudo isso são idéias mortas e passadas! (...) É que eu, nós, nada temos a ver com a sorte do Povo. A questão não é de justiça, não, é de Poder. Se o Povo puder conquistar o poder, conquiste. Por enquanto, só existem dois tipos de Governo: o dos opressores do Povo e o dos exploradores do Povo. (SUASSUNA, 2005, p.631)

Outra característica desta formação identitária nacional movida por forças dessacralizadoras é o **princípio de errância**, que seria **a identidade como processo em perpétua e indispensável movência**. Essa característica, confere a identidade **um caráter mais dinâmico, muitas vezes como um turbilhão em que nada impede seu fluxo**, como nos fala Maffesoli (2001, p.47); e, segundo o mesmo autor, **essa errância se configura em um desejo essencial em qualquer estrutura social, confundindo-se, na realidade com um desejo de rebelião contra as estruturas arcaizantes sociais** (a divisão de trabalho, a descomunal especialização do trabalho, a transformação do indivíduo em uma engrenagem mecânica etc.).

Por isso, segundo Maffesoli (2001, p.38), essa errância (ou nomadismo como podemos chamar), está inerente a natureza humana, quer se trate de um **nomadismo individual** ou **coletivo**. E esse desejo ou pulsão irá se configurar em suas narrativas, tal como percebemos ao longo da história da humanidade nos contos, lendas, poesia e ficção de cada cultura. Assim, uma das características das personagens de obras caracterizadas por esse nomadismo é o **caráter de viajante** que elas assumem; visto que, não necessariamente para assumir este caráter a personagem precisa se deslocar fisicamente ao longo do enredo, mas assumir uma postura livre que possa atestar as diversas possibilidades de um 'mundo paralelo' constituindo-se através de uma total anomia (MAFFESOLI, 2001, p.43).

Sobre essa característica encontramos nas duas obras em análise tanto uma movência física quanto psíquica.

Em *Dom Quixote* temos os dois tipos de movência, pois a movência física está nitidamente marcada por ocasião de suas duas saídas que ocorrem, respectivamente, no Capítulo II e VII; e a psíquica também ocorre através de sua imaginação que reconfigura os espaços e o próprio tempo cronológico:

Estavam por acaso à porta duas mulheres moças, dessas que chamam da vida, as quais iam a Sevilha com uns arreeiros que na estalagem aquela noite haviam acertado de pousar; e como **ao nosso aventureiro tudo quanto pensava, via ou imaginava parecia ser feito e acontecer ao jeito do que tinha lido, tão logo viu a estalagem, se lhe afigurou ser um castelo** [grifo nosso] com suas quatro torres e coruchéus de reluzente prata, sem faltar a ponte levadiça sobre um fundo fosso, e todos aqueles adereços com que semelhantes castelos se pintam. (CERVANTES SAAVEDRA, 2002, p.66-67)

Em *A Pedra do Reino*, todavia, encontramos bem mais uma movência psíquica do que a física propriamente, embora como falamos anteriormente tenha ocorrido a viagem iniciática as *pedras* de São José de Belmonte. Como a proposta do narrador-personagem Quaderna não é a de se empreitar em aventuras arriscadas para conquistar princesas e honras, mas construir um reino imaginário, onde se tornará o gênio da raça brasileira:

Intrigado, fui procurar meu Padrinho, João Melchíades, e ele me fez, então, aquela que seria, talvez, a maior revelação para a minha carreira. É que os Cantadores, assim como faziam Fortalezas para os Cangaceiros, construíam também, com palavras e a golpes de versos, Castelos para eles próprios, uns lugares pedregosos, be-

los, inacessíveis, amuralhados, onde os donos se isolavam orgulhosamente, coroando-se Reis, e que os outros Cantadores, nos desafios, tinham obrigação de assediá-los, tentando destruí-los palmo a palmo, à força de audácia e de fogo poético. Os castelos dos poetas e Cantadores chamavam-se, também, indiferentemente, Fortalezas, Marcos e Obras. (SUASSUNA, 2005, p.106-107)

Ainda quanto ao nomadismo, podemos afirmar que desde as incipientes manifestações literárias a literatura portuguesa irá assumir esse nomadismo, ou mais radicalmente, essa pulsão-migratória em toda a sua amplitude. Desta forma, não é coincidência que um dos maiores monumentos literários de Portugal seja **Os Lusíadas**, a grande epopéia na qual Luís de Camões irá cantar **a importância da errância no mundo vasto e a função dinâmica da exploração**; de acordo com Maffesoli (2001, p.52) isso irá afirmar que o gênio do povo português nisso encontra a sua realização. E nesse espírito, o grande mito que encerra e que herdamos dessa literatura ibérica, é o **sebastianismo**, na qual, ainda hoje, o fato histórico do desaparecimento do príncipe herdeiro português Sebastião e de todos os relatos lendários de suas aventuras ainda influenciam o imaginário coletivo que fomenta tanto a literatura portuguesa quanto a brasileira (principalmente a nordestina). Assim, nessa grande obra camonianiana, teremos o gênero da epopéia que, segundo Bernd (2003, p.48), foi o gênero literário usado para **narrar os acontecimentos fundadores de uma sociedade** associando-os aos feitos de heróis de **elevada** força física e psíquica. Esse gênero tem um papel celebrativo que ajuda a criar uma base mínima para que haja uma unificação dos membros de uma comunidade em formação e de sua consolidação ideológica.

Todavia, uma dúvida talvez paire sobre nossas cabeças, seria a de que se o indivíduo (ou um povo) vive em uma indefinida movência seria impossível uma referência identitária mínima. Assim, em nosso auxílio, Maffesoli propõe o conceito de **enraizamento dinâmico** que também estaria implícito na idéia de nomadismo. Para ele esse **enraizamento dinâmico** seria a percepção de que

Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir desse lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente. (MAFFESOLI, 2001, p.79)

Essa errância, além de tudo isso, possui um elemento extremamente necessário ao desenvolvimento de qualquer sociedade e de seus indivíduos, pois ela permite uma **respiração social** onde implementa um grande fluxo de intercâmbios (MAFFESOLI, 2001, p.57). Assim, essa construção identitária na literatura permitiria a confluência do múltiplo, permitindo ao escritor, na compreensão de Bernd (2003, p.28) uma abertura ao multilingüismo, sendo atravessada também por várias raças, crenças e posicionamentos ideológicos.

3 Conclusão

Assim, compreendemos que todos esses elementos da narrativa quixotesca (traços autobiográficos; tensão entre o uno e o múltiplo; e a transição entre o espaço rural e urbano) são importantes para a configuração identitária. Ao se colocar na obra, os autores convidam o leitor a também recriar sua própria vida; fazendo com que haja uma superação de suas dores, limitações e preconceitos. Já nessa tensão do uno e múltiplo ela se correlaciona a um processo bastante comum na formação identitária, pois somos únicos em nossa existência, todavia somos múltiplos diante dos papéis sociais que encenamos em cada momento histórico de nossas vidas. E na referida transição dos espaços implementada pelas **pulsões nômades**, modificamo-nos a cada agenciamento que nos sujeitamos adquirindo novas experiências; e, com isso, enriquecendo a nossa existência.

4 Referências Bibliográficas

- [1] BALDO, Luiza Maria Lentz. **A identidade nacional:** matizes românticos no projeto modernista. Acesso em 20/06/07. Disponível em: <www.uel.br/revistas/boitata/volume-1-2006/Artigo%20Luiza%20Baldo.pdf> Acesso em: 14 mar 2007.
- [2] BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2003 (Síntese Universitária)
- [3] CARNEIRO, Cristina Helena. **Bruxas e feitiçeirias em novelas de cavalaria do ciclo arturiano:** o reverso da figura feminina?. Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá, 2006. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, 2006.
- [4] CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **O engenhoso fidalgo D.Quixote de La Mancha**, Primeiro Livro/ Miguel de Cervantes Saavedra; tradução de Sérgio Molina; gravuras de Gustave Doré. São Paulo: Ed.34, 2002.
- [5] _____. **O engenhoso fidalgo D.Quixote de La Mancha**, Segundo Livro/ Miguel de Cervantes Saavedra; tradução de Sérgio Molina; gravuras de Gustave Doré. São Paulo: Ed.34, 2007.
- [6] CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault...[et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva...[et al.]. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- [7] COUTO, José Manuel & PEREIRA, Luís Ricardo. **Da narrativa medieval ao conto do Romantismo:** hagiografia, novelística e didáctica. Lisboa: Editora do Instituto Piaget, 2004. (Coleção Antologias Literárias e Didáctica da Literatura; 2).
- [8] EISENBERG, Daniel & PINA, Maria Carmen Marín. **Bibliografía de los libros de caballerías castellanos**. Disponível em: <http://users.ipfw.edu/JEHLE/deisenbe/Bibl_libros_de_caballerias/bibliography.pdf> Acesso em: 20 jul 2008.
- [9] MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas.**/ Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- [10] SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. A demanda romanesca de Ariano Suassuna: a leitura do *Romance d'A Pedra do Reino* (I). **Correio das Artes**, João Pessoa, p.8-9, 10 out. 1982a.
- [11] _____. A demanda romanesca de Ariano Suassuna: a leitura do *Romance d'A Pedra do Reino* (II). **Correio das Artes**, João Pessoa, p.8-9, 7 nov. 1982b.
- [12] _____. **Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- [13] SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta**. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- [14] VIEIRA, Maria Augusta da Costa. **O dito pelo não-dito:** paradoxos de *Dom Quixote*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998. (Ensaio de Cultura;14).